



Ano 6, Vol 6, Núm. 1, jan-jun, 2025, pág. 24-44.

Relatos de histórias antigas de Povos milenares do Amazonas, Brasil (Povos: Pupykary, Mura, Munduruky, Kokama e Karapanã) e Guiné Bissau (Povos Fula e Mandinga)

Accounts of ancient stories from ancient peoples of the Amazon, Brazil (Peoples: Pupykary, Mura, Munduruky, Kokama and Karapanã) and Guinea Bissau (Fula and Mandinga peoples)

Suely Mascarenhas
Alcioni da Silva Monteiro
Hely Brasil do Nascimento
Angélio Nunes de Lima
Ussumane Baldé
Leiciane da Silva Seabra

RESUMO

O artigo registra cinco histórias antigas integrantes de Cultura milenares do contexto Amazônico e Africano em língua portuguesa e originária das culturas: Pupykary (apurinã), Mura, Muduruku, Karapanã e Kokama no caso do Brasil e Fula e Mandinga no caso da Guiné-Bissau. Objetiva documentar aspectos literários relevantes para o currículo escolar intercultural, valorizando as línguas originárias escritas. Registra sete histórias sobre aspectos do cotidiano, mitologia dos povos pesquisados que poderão ser utilizadas no contexto da educação e ensino escolar como recurso didático intercultural. A continuação de pesquisas na área contribuirão para ampliar a oferta de novas informações sistematizadas de forma científica sobre a temática.

Palavras-chave: Histórias antigas; Cultura Pupykary (Apurinã); Cultura Mura; Cultura Munduruku, Cultura Kokana; Cultura Karapanã; Cultura Fula; Cultura Mandinga; Brasil; Guiné Bissau; Ensino intercultural.

ABSTRACT

The article records five ancient stories that are part of ancient cultures from the Amazon and African contexts in Portuguese and originating from the following cultures: Pupykary (Apurinã), Mura, Munduruku, Karapanã and Kokama in the case of Brazil and Fula and Mandinga in the case of Guinea-Bissau. It aims to document literary aspects relevant to the intercultural school curriculum, valuing the original written languages. It records five stories about aspects of daily seven and mythology of the peoples studied that can be used in the context of education and school teaching as an intercultural teaching resource. Continued research in the area will contribute to expanding the supply of new, scientifically systematized information on the subject.

Keywords: Ancient stories; Pupykary Culture (Apurinã); Mura Culture; Munduruku Culture; Kokana Culture; Karapanã Culture; Fula Culture; Mandinga Culture; Brazil; Guinea Bissau; Intercultural education.



INTRODUÇÃO

Todos os povos têm sua história, cultura, crenças, costumes e tradições, e, por isso, devem ser respeitados. Nesta breve narrativa, entendemos que as culturas indígenas têm suas raízes na defesa da sua espiritualidade, cultura e da fauna e da flora. Mesmo após a morte de um homem da floresta, sua memória continua como guardião de toda a biodiversidade e da sua essência ancestral. Nesse artigo documentamos algumas histórias narradas por integrantes originários das culturas especificadas presentes em pesquisas de mestrado e doutorado de cursos de pós graduação da Universidade Federal do Amazonas Monteiro, 2024; Nascimento, 2024; Seabra, 2024 e estudos afins.

Povo Pupÿkary (Apurinã)

O povo Pupÿkary, conhecido também como Apurinã, é um dos grupos de originários da Amazônia brasileira. Seu território tradicional se estende principalmente ao longo dos rios Purus e Tapauá, e seus afluentes, no estado do Amazonas. A relação com a floresta e os rios é central para sua existência, influenciando todos os aspectos de sua vida, desde a alimentação até a espiritualidade.

Conforme Monteiro (2024), os Pupÿkary falam uma língua da família Arawak, e a preservação desse idioma tem sido um dos focos na luta pela manutenção de sua identidade cultural. A transmissão do conhecimento acontece principalmente por meio da oralidade, em que histórias como a de Tsurá revelam a profundidade de sua visão de mundo. Essas narrativas ajudam a explicar a origem da vida, os elementos naturais e a relação espiritual com o ambiente.

A organização social do povo Pupÿkary é baseada em clãs e lideranças comunitárias, sendo que os caciques e conselheiros desempenham papéis essenciais na tomada de decisões e na preservação dos valores culturais. Monteiro (2024) evidencia que ad espiritualidade esse povo, está profundamente conectada à natureza, com plantas, animais e fenômenos naturais vistos como seres espirituais que participam ativamente do equilíbrio do mundo. Essa conexão se manifesta em práticas cotidianas, rituais e na forma como interagem com o ambiente.



Contudo, o povo Pupÿkary enfrenta muitos desafios contemporâneos. A luta pela demarcação de suas terras, a exploração ilegal de recursos naturais e a pressão de projetos econômicos que ameaçam suas comunidades são questões constantes. Apesar dessas adversidades, o povo Pupÿkary mantém-se resiliente, buscando formas de resistir e preservar sua cultura, seja por meio de ações políticas, seja por iniciativas educacionais e culturais que valorizem seu legado.

O conhecimento tradicional dos Pupÿkary é de grande valor, especialmente no que diz respeito ao manejo sustentável da floresta e aos saberes medicinais. Esse conhecimento é um patrimônio importante não só para o povo Pupÿkary, mas para toda a humanidade, representando uma conexão profunda com a biodiversidade e um exemplo de como viver em harmonia com a natureza.

Hoje, o povo Pupÿkary continua a lutar pelo reconhecimento de seus direitos e pela preservação de sua cultura, fortalecendo suas tradições e se afirmando como guardiões da floresta e de um legado espiritual único. Eles carregam em si a essência de uma história rica e um profundo respeito pela terra que habitam, resistindo e mantendo viva a memória de seus ancestrais.

Povo Mura

Os povos Mura habitam com predominância na amazônica, que compreende as regiões do Rio Madeira, Amazonas e Purus, “é originário da região compreendida pelo baixo Amazonas, Solimões, Madeira, Autaz, Baetas, Marmelos, Maturá, Aripuanã e Canumã. Atualmente estão estabelecidos na região das bacias hidrográficas dos rios Solimões, Amazonas e Madeira” (PEQUENO, 2006, p. 1), ambos no estado do Amazonas no Brasil. Tradicionalmente estes povos são reconhecidos por suas habilidades de navegações fluviais.

Ao longo da história o povo Mura enfrentaram enormes opressões e desafios em virtudes da colonização amazônica praticadas por portugueses, dentre outros que exploraram esta região, acarretando em uma significativa ruptura com as sua língua originária e com a cultura originária, levando a miscigenação da língua, adotando a *Nheengatu* (Língua Geral Amazônica) como forma de comunicação com outros povos e colonizadores, culminando hoje



na difusão da língua predominantemente portuguesa no cotidiano desta etnia (PEQUENO, 2006).

Nos dias de hoje, mesmo com as mudanças históricas, os povos Mura continuam envolvidos em várias ações voltadas para o reconhecimento pleno como um povo aguerrido, esforçando-se para preservar e renovar elementos de sua cultura e identidade. Dessa forma, torna-se necessário relatar essa narrativa, dado o valor de sua ancestralidade e a resistência em preservar as memórias de seus antepassados, especialmente suas línguas, cultura e história.

Povo Munduruku

Os Mundurucus, também chamados Munduruku, Weidyenye, Paiquize, Pari, Maytapu e Caras-Pretas, e autodenominados Wuyjuyu ou Wuy jugu, são um grupo de povos originários que habitam o contexto amazônico brasileiro.

Falam a língua Mundurucu, a qual pertence à família linguística Mundurucu e ao tronco linguístico tupi. O nome "mundurucu" é o nome com que um grupo rival dos Mundurucus, os Parintintins, os denominam. Significa "formigas vermelhas" e é uma referência ao ataque em massa que os mundurucus costumavam realizar sobre seus inimigos.

Os Munduruku mantêm algumas práticas culturais relacionadas à pesca, atividade de maior intensidade no verão, entre as quais estão as brincadeiras que antecedem a pescaria com timbó, uma raiz que após ser triturada é usada nos rios para facilitar a captura dos peixes.

Povo Kokama

Os Cocamas (Kokama ou Kocama) são um grupo indígena que habita a Amazônia do alto rio Solimões, onde se encontram a Área Indígena Évare I e Terras Indígenas Igarapé Acapori de Cima e Sapotal até o médio Solimões, na Área Indígena Kokama, no estado brasileiro do Amazonas; e também no Peru e na Colômbia.

A cultura do povo Kokama é rica em rituais, lendas, contos, danças, técnicas de pesca, conhecimentos sobre remédios caseiros e religiosidade. Os Kokama são fundamentalmente pescadores e agricultores. Praticam uma economia de subsistência em que a unidade produtiva é o grupo doméstico, que corresponde, na maioria das vezes, à família nuclear, composta por pai, mãe e filhos solteiros.



A história que será narrada faz parte do contexto do povo originário Kokama, na aldeia/comunidade Yakami, localizada na Am 010 km145, ramal Terra Preta, pertencente a cidade de Rio Preto, Amazonas.

Povo Karapanã

A cultura Karapanã é um conjunto de crenças, tradições, costumes, rituais e modos de vida de um povo indígena.

Autodenominam-se Muteamasa, Ukopinõpõna. Vivem no caño Tí (afluente do Alto Vaupés) e Alto Papuri, na Colômbia. No Brasil, se encontram dispersos em alguns povoados do Tiquié e Negro.

A cultura Karapanã é marcada por ritos de passagem, como o nascimento, a iniciação e a morte. Esses rituais são conduzidos por um kumu, que é o líder religioso do grupo.

Povo Fula

A etnia Fula, que alguns denominam de *fulbes* ou *fulani*, embora a sua origem tem constituído muita divergência histórica, pois alguns relatos afirmam que os Fulas vieram do Nilo, Sudão. Segundo Barros (1883, p.709), no seu quadro da divisão das origens das etnias que formam os territórios da antiga Guiné Portuguesa atual (Guiné-Bissau), e Sene-Gâmbia afirma que “na província, no Sudão e centro do continente”. Isso significa que os Fulas vieram do Sudão era considerado o maior país africano. Não obstante alguns relatos refutam essas afirmas acima citadas, afirmam que os Fulas vieram da região do saheel, cujo território fazem parte esses países: Senegal, Camarões. Níger, Guiné e Mali.

O renomado historiador maliano Amadu Hampatê Bâ, trouxe algumas narrativas sobre a origem e a jornada da etnia fula onde ele define etnia como “povo de pastores nômades que conduziu seus rebanhos através de toda a África savânica ao sul do Saara entre o Oceano Atlântico e o Oceano Índico durante milênios” (BÂ, 2008, p.24). Tradicionalmente os Fulas são conhecidos como pastores de gados e nômades, pois não habitam num mesmo lugar por causa dos seus gados, eles procuram sempre habitar nos lugares húmidos para melhor realizar as suas atividades de pastoreio e também são conhecidos como agricultores e praticantes das atividades comerciais. Eles falam língua fula e são ricos em termos culturais e



materiais, pois desempenharam um papel preponderante na expansão do islamismo na região da África Ocidental.

Povo Mandinga

O povo ou etnia mandinga tem as suas raízes no antigo Império do Mali, que teve a sua fundação no século XIII sob a liderança do imperador Sundiata Keita. Segundo Mango (2020, p. 33) “A história dos Mandinko na Guiné-Bissau está fortemente ligada à dos malinkés do antigo Império do Mali, que também abarcava partes do território da atual Guiné-Bissau”. Esse império era um dos maiores e mais fortes da Costa Ocidental da África, que abrangia (3) três grandes territórios que hoje fazem parte deles, o próprio Mali, o Senegal e a atual Guiné-Bissau.

O povo mandinga migrou para a região da Guiné-Portuguesa, atual Guiné-Bissau durante o período da expansão do império, a procura de novas terras para praticar atividades agrícolas, pequeno comércio e claro fomentar as suas tradições e enraizar a sua religião islã. O Leste da atual Guiné-Bissau foi o espaço pioneiro onde esse povo guerreiro se instalou, concretamente na região de Gabu, mais tarde esta região foi um centro importantíssimo para esta etnia, pois esse lugar viria ser novo Império Mandinga ou Reino de Kaabu mas sob controle do Império do Mali.

O Reino de Kaabu, também conhecido como Império de Gabu, foi dominado pelos Mandingas por muitos anos, até 1867, quando ocorreu a batalha de Kansalá contra os Fulas. Nessa batalha, os Mandingas foram derrotados, o que marcou o fim de sua supremacia no reino, próximo à localidade de Sintchã Botche, no setor de Pirada. Os Mandingas desempenharam um papel preponderante na história da região, tanto no âmbito político quanto no cultural e religioso. Conforme Mango (2020, p. 43) “[...] A sua influência cultural e linguística é fortemente notável entre muitos grupos, sobretudo os islamizados e outros que passaram pela sua jurisdição no processo de ‘mandinguização’”. Até os dias atuais se verifica a valiosa contribuição desse povo nos processos de preservação da prática de ancestralidade como “fanadu” os ritos de iniciação.

A etnia mandinga é conhecida por sua rica tradição oral, preservada por griôs e (contadores de histórias) e por outro lado os *Djalís* são músicos ao mesmo tempo



desempenham papel dos historiadores nessa etnia. O povo mandinga é uma das etnias mais numerosas na África Ocidental. O povo está espalhado vários países como Mali, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Burkina Faso, Serra Leoa, Libéria, Gâmbia e Nigéria.

Em seguidas documentamos os relatos narrados por integrantes das respectivas culturas analisadas: Pupÿkary (Apurinã), Mura, Munduruku, Karapanã, Kokama, Fula e Mandinga.

Narrativa de um originário Pupÿkary: origem de Tsurá (Deus)

Alcioni da Silva Monteiro
Vingren Batista da Silva*
João Batista da Silva*

A origem do povo Apurinã está ligada à história de Tsurá, figura mística central em sua cultura. Segundo relatos, os Apurinã eram governados por três seres poderosos e peludos, liderados por Atukatxi. Esses seres dominavam o povo com força e crueldade. Entre os Apurinã, destacava-se Iakuneru, uma jovem bela que era submissa aos três e responsável pelos afazeres domésticos. Certo dia, movida pela curiosidade, ela abriu o baú de Atukatxi, libertando um espírito através de um objeto sagrado chamado mexicano. Esse espírito assumiu forma humana, e Iakuneru iniciou um relacionamento secreto com ele.

A jovem engravidou do espírito, mas sua avó tentou esconder a gestação para protegê-la. Quando os três seres descobriram, perseguiram Iakuneru, que fugiu e se escondeu no flechal. Apesar de seus esforços, foi encontrada e brutalmente assassinada. Seu útero, contendo trigêmeos, foi jogado no mato e acabou nutrido por um algodoeiro, que formou um ninho de algodão ao seu redor. Assim, os irmãos cresceram protegidos pela natureza, até serem encontrados pela bisavó, que os criou, fingindo que eram passarinhos para mantê-los escondidos dos três seres.

Conforme cresciam, os irmãos descobriram sobre o assassinato de sua mãe e planejaram vingança. Usando inteligência e habilidades místicas, Tsurá e seus irmãos mataram os seres um por um. O primeiro foi morto com uma armadilha no cipó; o segundo, enganado por uma ilusão, morreu ao esmagar um coquinho contra os testículos. Para derrotar Atukatxi, o mais forte, os irmãos buscaram a envira do Taquari, fibra especial protegida por uma árvore "em chamas". Com a ajuda de um pequeno catipuru, conseguiram a envira e prepararam uma armadilha. Subestimando sua fragilidade aparente, Atukatxi foi capturado e morto.

Após a vingança, os irmãos fugiram com a bisavó para uma nova terra. Durante a jornada, enfrentaram desafios, como o desaparecimento da avó, que se transformou em um nambu, ave cujo canto ecoa como um lamento. Em um igarapé, Tsurá foi engolido por uma cobra, mas construiu engenhocas dentro dela para sobreviver. Após ser resgatado pelos irmãos e por pássaros, Tsurá distribuiu suas criações entre os Apurinã e os Kariú, sempre priorizando seu povo.



No final, Tsurá subiu aos céus usando um cipó espiralado, conhecido como Escada de Jabuti, marcando sua transformação em divindade. Sua história é símbolo de resiliência, sabedoria e ligação espiritual do povo Apurinã com a natureza e seus ancestrais, perpetuando a herança cultural e mítica do povo Pupykary.

*Narradores originários Pupykary: origem de Tsurá

Ancestralidade Mura Harabágads

O guerreiro que se transformou em cobra grande

Akyo Haykay buym oym randura'pungú ym Memãra tepuagá

Angélio Nunes de Lima

Joabi Marques Belém Mura**

Meu nome é Handech Wakanã Mura. Esse é meu nome cultural e tradicional. Vou contar um ritual executado por um de nossos ancestrais, a saber, meu bisavô Debuãg Mura (nascido das águas), essa é sua história passada oralmente a gerações. Meu pai nos contava sobre suas vivências e seus rituais que era realizado na aldeia pelos os nossos ancestrais. Esse ritual é específico do nosso clã. Meu bisavô, foi como ficou conhecido popularmente pajé, mas para nós é um sacerdote aquele que se move no físico e espiritual o Pandé (aquele que possui autoridade espiritual sobre o físico), e realizava grandes rituais, e este era um dos que ele praticava com nossos parentes ancestrais Mura.

Meu avô dizia que meu bisavô era encantado; ele se transformava em uma cobra grande.

Durante o dia, levava uma vida normal com a família e tinha suas atividades de forma comum. Porém, à noite, ele se transformava em uma grande cobra. Quando chegava a noite, ele ia para uma ilha no meio do rio, que ficava um pouco distante da aldeia, lá, ele construiu uma pequena casa (barandhú) feita de palhas de palmeiras que chamamos na

Yryw'raypaykarypuy Handech Wakanã Mura. Mumuy ã tuyãm karypuy rugunyry ã nekurá. akotá tangauarê akontê ynguyabú górohúm dhígui akontê thyarra gupurra'y arunrunguy. Aypê dóchy, tuyãm gurem Debuãg Mura (nedarunga buydynaraby), mumuyry ã pukuympe pêberú gabunyry aypê tekapuara. Yriw akorré kungawá kuarungú ahypú pukuympe'y muarungú akuê ropary'y ynguyabú'y buym nenaú eropôga ubury unturyenté kawary'hy koê gupurra'y arunrunguy. Dhy'ó ynguyabú ã dynchágú thya gupurra mimarú. Tuyãm gurem, sunrô kurrá tarukoy hayrind Tamuranguy pajé, nadhuy ãguypa ã akontê Pandé (noruhá buyn katarú torôrrú namurrára ahypú akio munguê), akuê rarypôga tepuaga'y ynguyabú'y, akuê wapay'hy ronô akontê thya'y buyn apeky karungamu kur gupurra'y gang'dhy arunrunguy Mura.

Tuyãm andeka Bybyny buyn tuyãm Gurem ronô nuramú; Apeky oyn handogôra ym yn'guy chymura tepuagá.

Dhuabary akyo parrá, bebuã yn'guy torogote Tang'pura kur aypê dedhuãga akuê romú pukuympe'y Nydhuguyre



nossa língua de barandhú a popularmente *Oca*¹.

Durante a noite, algumas Muras de nossa aldeia ancestral iam até a barandhú (*Oca*) onde ele passava a noite, mas, para a surpresa delas, nunca encontrava meu bisavô dormindo dentro dela. A barandhú (*oca*) ficava vazia, e apenas sua gabuá (canoa feita madeira esculpida de madeira), permanecia lá ancorado na ilha. Na nossa língua, chamamos a canoa de *gabua*.² Assim, à noite, a barandhú (*oca*) e a *gabua* ficavam vazias, pois ele não estava lá e isso acontecia todas as noites.

O que acontecia era que meu bisavô realizava um ritual e, através disso, se transformava em uma grande cobra, passando a noite toda no fundo do rio. Pela manhã, a se transformar em homem novamente, quase sempre com ressaca.

Durante os dias em que era realizado os rituais antes dele ir para a ilha a noite, enquanto ainda estava junto das pessoas na aldeia, antes de se transformar em cobra, meu bisavô iniciava um ritual em que era possível curar várias pessoas de muitas enfermidades. Ele também chamava os animais da floresta, que vinham para perto dele, incluindo cutias, pacas, onças, macacos, tatus, veados e javalis, também conhecidos como queixada e outros animais. Todos os animais passeavam pelo meio do povo, circulavam e depois retornavam para a floresta.

Esse era um dos rituais que ele realizava, demonstrando sua autoridade e força espiritual, capazes de chamar os animais da floresta e curar as enfermidades das pessoas, sua autoridade espiritual era respeitada por todos ao

thyarra daraum shamuãg. Berrura aypê teby, apeky'y

*Apeky keary wyxy yn'guy dhamy takô durayá thya yãnka, buyn rúra pochy kyryouá thãgo thya unturyenté, kenhô, apeky dhãhary yn'guy dynumairy barandhú, dyndhuru thyarra têpaú thyarra taraú buyn sypauga ubury kawruhá wará thyarra barandhú aypê Tamuranguy Oca*¹.

Dhuabary aypê teby, gadhory Muras thyarra gupurra unturyenté Arunrum tay nãkam aypê barandhú (oca) rúra apeky rupama aypê teby, nadhuy, wychy aypê teperé sawára, kãrru paugaê tuyãm Gurem pêpagá xangô sawáry. Aypê barandhú (oca) rúra dhaúry, akuê kaúnra pukuympé gabuá (canoa feita de madeira esculpida de madeira), tangarô kenhô daryco ubury dhamy. Ubury kawruhá pakay, sypauga aypê canoa thyarra gabuá². Dhywng, aypê teby, aypê barandhú (oca) akuê aypê gabuá rúra dhaúry'y, tiramum apeky chyte tepahyn kenhô akuê wynty kawkarrô mangua'y unthycha teby.

Akyo buyn unthycha ronô buyn Tuyãm gurem rarypôga akontê namurrára akuê, mangua'y howkôu, oym handogôra ym Yn'guy tepuagá chymura, aypê teby mangua takô rurú thya yãnka. Kawary'hy gaydhy, aypê oym handagô ym turumuá rodomany, madhyá rrya pakurrara ruruby.

Dhuabary koê parra'y ym buyn nenaú erepôga koê ynguyabù'y goropyy wãbô úr wychy aypê dhamy aypê teby, pepahã andhoê tepahyn Búmbuga Thyakú'y reguãry ubury unturyenté, goropyy thyarra oym handagô ym chymura, tuyãm gurem dhyãrrú akontê

¹ Uma casa construída de palhas de palmeiras com cipós e madeira, feito para abrigar os índios

² Trata-se de uma palavra da língua *Wará'pakay* (língua Mura *Harabágads*) que significa uma pequena embarcação feita de madeira ou de casca de árvore. Esse tipo de embarcação é conhecido como canoa ou casco e é utilizado para navegar nos rios, lagos e igarapés.



ponto de todos pedirem aconselhamento para realizar qualquer feito. Certo dia, meu bisavô estavam caminhando na aldeia, passou mal e caiu no chão. As pessoas foram socorrê-lo, e, ao se aproximar, ele disse que um feiticeiro de outro povo havia cortado sua linha espiritual (um fio que mantinha sua vida em forma humana).

Por isso, ele iria sair do corpo humano (todos entenderam que ele estava dizendo que iria morrer), mas, na verdade, o corpo dele iria morrer, enquanto ele revelou que habitaria em forma de cobra grande, e enquanto ele vivia de forma humana a cobra grande que ele se tornava durante a noite continuava crescendo, mas agora ela pararia de crescer e ele seria somente cobra grande. Com isso, ele explicou o que fazia todas as noites na ilha. Ele disse que o mundo debaixo d'água era semelhante ao mundo na superfície, muitas coisas que tinha em terra tinha também na água, que era semelhante a entrar para debaixo de um mosquito quando mergulhava era novo mundo para os encantados.

Meu bisavô morreu jovem, tinha menos de 50 anos. Dizia meu avô a meu pai e meu pai para nós que até hoje ele habita no fundo do rio em forma de uma grande cobra, hoje visto por muitos como uma lenda, mas para nós é muito mais que isso é o sagrado ancestral do nosso Povo Mura Harabágads.

yinguyabú ym buyn ronô tawyn naguary marrery reguãry thyarra gorrô'y ronsondo'hy. Apeky awaramã kyôro koê thyãmuá thyakú oromorri, buyn Ryrabar wychy porrôro wãbô, randary tayuna, akyka, tarrurú, takaúrã, ykaku, amokorrô e atekuá, awaramã hayrind'y kurrá queixada akuê tarraruy thyãmuá. Toparô koê thyãmuá handyamu Kawary durayá thyn mapimbaú, taguãga akuê thaga rakaraga wychy aypê oromorri.

Dhy'ó Ronô pochy thya'y ynguyabú'y buyn apeky rarypôga, taxywá pukuympé torôrrú koê tunky'pa namurrára, sãduá thyarra kãwá koê thyãmuá thyakú oromorri akuê naguary unthycha ronsondo'hy thyakú'y reguãry, Pukuympé torôrrú namurrára ronô rurakepa dhígui toparô koã rantaga thyarra toparô kyndhá rykuãma wychy rary randywary duáh. Thãum wameké, tuyãm gurem tepahyn poru'hum ubury unturinté, rarrabá kedhukã koê kyãru takô piãru. Unthycha reguãry rykaum magariú, koê, koã oym kyrabary, apeky mãrru buyn pochy nugãmã thyarra tarraru mapimbaú nagupôra thãgã Pukuympé guyrp namurrára (um fio que mantinha sua vida na forma humana).

Dhígui wynty, apeky garú gaê thyn kamum syrrarú (toparô danuhamum buyn apeky tepahyn remyary buyn Garú danamú), Nadhuy, ubury kenamu, akyo kamum Wãbô Garú danamú, pepahã apeky remôú buyn tãmanhy ym daraum thyarra chymura tepuagá, koê pepahã apeky kanduamú thyarra daraum ketamum aypê chymura tepuagá buyn apeky oym rebãbã Dhuabary aypê teby symuaga parugaru, nadhuy kytawrú wala pindhyá thyarra Tarypury koê kãbá gandhuby chymura tepuagá. Pakurrara wynty, apeky dhawamã akyo buym pãbú mangua'y unthycha teby ubury dhamy. Apeky mãrru buyn akyo buyn tarumbu



	<p><i>tangorra'ú gånwru ronô samunyn koã tarumbu ubury sawnrrun, gorrô'y peparú buyn kandhaka ym panthyakó kandhaka Awaramã ubury akuaynteré, buyn ronô samunyn aypê guynpêrrerú wychy tangorra'ú thyarra pochy guandâbú thawára roromimã nenaú arurrrypy tarumbu wychy koê pêkuarramu'y.</i></p> <p><i>Tuyãm gurem danamu'ú Nydhú, kandha kandau thyarra 50 temuã. Bybyny tuyãm andeka aypê akorre akuê tuyãm akorre wychy ãguypa buyn nãkam apeky Tãman takô rurú thyn yanka ym daraum thyarra Yn'guy tepuagá chymura, nhawká kuhaã dhígui Rataw'y kurrá Yn'guy rapukangar, nadhuy wychy ãguypa ã rataw tassoke buyn wynty ã akio remãfu Arunrum thyn gupurra mapimbaú Mura Harabágads.</i></p>
--	---

** Indígena do povo Mura, narrador da história: “Ancestralidade Mura Harabágads - O guerreiro que se transformou em cobra grande”

A história do Curupira (Kokama)

O Kurupa

Helly Brasil do Nascimento
Jossilene Arcanjo Vilas Boas

<p>O curupira vive na mata ele é o protetor das árvores e dos animais. Ele se aparece como um menino, tem os cabelos vermelhos e arrepiado e os pés pra trás.</p> <p>Ao perceber os caçadores na mata, o curupira prepara as armadilhas, deixando como rastros com seus pés ao contrário enganando os caçadores e fez com se percam na mata.</p> <p>O curupira não perdoa homens que maltratam animais, mulheres grávidas indefesas.</p>	<p><i>O Kurupa kausay Nea meata estiwawa e o pereretitiou. Estiwawa aperechyana como un curunina. Temi os kutsai vermelhos e arerepeacha e o pé pere ateash.</i></p> <p><i>Ao peëche o kakanerey nea meate, o kurupa peapearea as areameapetsa, etchatsa como reciretia, com seu pei ao chanetevareia, enetoho o kakanerey e rea conuts peerekaen neaato.</i></p> <p><i>O kurupa neão peredisa neapitsara que metemony anemeaiy enechai cow ennuas.</i></p>
--	---

*** Indígena do povo Kokama, narradora da história: “A história do Curupira - O Kurupa”



Música do Daydo (Tatu) (Povo Munduruku)

Hely Brasil do Nascimento

Na música o Daydo (tatu) entra na roda para dançar, bêbado, desgostoso por sua mulher tê-lo abandonado, e por nenhuma outra quer ficar com ele. O motivo é que o Daydo é muito malvado e por isso dança, bebe e cava na terra um buraco e fala: “Se não sumirei agora, sumirei de madrugada” (NASCIMENTO, 2024).

Música do Daydo
(Tatu na Língua Munduruku)
Xipat mã tikõn daydo daydo (2x)
Daydo tikõn daydo daydo (2x)
Xipat mã tikõn daydo daydo (2x)
- nasã tikõn ikkaw / daydo daydo (2x)
- kawêdi tikon ikaw
Tikon daydo
Xipai mã tikon daydo daydo (2x)
Kaypat pat tikon daydo aiip
Tikon daydo
- daydo daydo (4x)
- kaypoje abik pima wykabi'a
Pima jabik daydo daydo...
Pikon kon tikon dai ip tikon
Daydo (2x)
Daydo...

KURUPIRA MARANDÚA: História do Curupira ****

Leiciane da Silva Seabra
Angélica Solânia

Estava o Curupira andando pela floresta, quando encontrou um índio caçador que dormia profundamente. O Curupira estava com muita fome e cismou em comer o coração do homem. Assim, fez que ele acordasse. O caçador levou um susto, mas como ele era muito controlado, fingiu que não estava com medo. O Curupira disse-lhe:	Kurupira uwatá uikû kaá rupí, mairamé usuantí yepé apigawa kamundusara orukirí reté waá. Mayé kurupira ii yumasí uikú, aé uputari ana umbau nhaã apigawa piá. Sesewara Kurupira umbaka aé. Kamundu- Sara yakanhemu, ma aé gananisara puranga, yawé waá umunhantu ti usikié uikú. Kurupira unheẽ ii xupé: . Ixé aputari yepé ne piá pisãwéra. Kamundusara, yakwáu waá retana,
--	--



Quero um pedaço de seu coração! O caçador, que era muito esperto, lembrando-se de que havia atirado num macaco, entregou ao Curupira um pedaço do coração do macaco. O Curupira provou, gostou e quis comer tudo. Quero mais! Quero o resto! -pediu ele. O Caçador entregou-lhe o que havia sobrado, mas, em troca, exigiu um pedaço do coração do Curupira. Fiz sua vontade, não fiz? Agora você deve dar-me em pagamento um pedaço de seu coração, disse ele.

yeperesé umanduári makaka kwera resé aé uyapí ana waá. Aramé, aé umeẽ yepé nhaã ximiára piá pisãwéra Kurupira supé. Kurupira usaã, sé retana umbau, araméputari ana umbau pawa. Unheẽ apigawa supé:-Ixé aputari piri! Aputari ximirera! Kamundusara umeẽ ximirera i Xupé, ma sikuyara uyururéu yepé kurupira piá pisãwéra. Amunã ana ne rimutara, ti será? Kuíri, sikuyara, rerikuté remeẽ ixé arama ne piá pisãwéra.

****Tradutora para o nheengatu Angélica Solânia. Versão inédita Povo Karapanã (SEABRA, 2024)

O lobo, a lebre e o hipopótamo

wadjy fouro, wadjy bodjel he gabbo

Ussumane Baldé
Braïma Baldé*****

Era uma vez, o lobo e a lebre foram convidados para tomarem parte numa cerimônia de casamento na aldeia vizinha. Mas, acontece que havia um rio entre aldeias, que era muito caudaloso sem canoas e nem ponte.

O lobo e a lebre prepararam para tomar parte na festa, quando chegaram à beira do rio, preocuparam-se pois não sabiam como travessar esse rio. De repente chegou uma aranha que também ia tomar parte na mesma festa. Logo pediram-na que os ajudasse atravessar o rio e ela aceitou o pedido deles, mas com condição que nenhum deles iria contar a artimanha que ela fez para atravessarem o rio e os dois aceitaram imediatamente. Em seguida, ela fez surgir uma linha em que os dois agarrassem junto à ela e atravessaram o rio tranquilamente.

Wadjy fouro eh wadjy bodjel, kollanoo pera, do tchae baaredo.

Kono woni do hakkunde maddje maayel didon, wony alá ko lummbiree laana alá eh sala alá.

Wadjy bodjel he wadje fouro kebly djaagol pera-oo. Dy djahy haa do maayel do dy kumpá honoo dy lumbirsa. Run djamaambal yotty don. Dyby djamaambal waullumen men lumba. Djamaambal wydy awa, minkala ron djahamimin. My lumbyna-on kono sy tawy alá kaloyodo no lumbirden-haa.

Maddjy piw dy cawrany dy kaaloiraa.

Onsuma o suly boroyel.

Dy nanguy boroyenguel olumbinidy afewy haa ro gada.

Kody djotty do peera dooko, dy djabbaa, djabbande maude dy tolymon.

Dy djaamy, dy djary kody paalaa haa dy kary.



Quando chegaram no local da festa, eles foram recebidos com grande honra. Apresentaram-lhes à mesa, serviram-lhes os alimentos da preferência de cada um deles. Dançaram tanto e o lobo foi convidado para animar o palco, ele aceitou o convite com toda honra de atuar no palco. Ele começou a cantar e os participantes começaram a bater palmas e ele ficou muito emocionado com isso, contou a artimanha que a aranha fez quando vinham atravessar o rio. A senhora aranha não gostou da atitude do lobo ficou muito chateada e pediu a lebre que voltassem para casa e a lebre por sua vez aceitou. A caminho para casa, a senhora aranha disse para a lebre que vai se vingar do lobo.

Novamente a senhora a ajudou a lebre, as duas atravessaram o rio. A senhora aranha fingiu deixar uma cordinha muito estreita que quase iria se cortar ao meio do rio. A festa terminou de madrugada, o lobo não viu os seus companheiros ficou meio preocupado, decidiu ir sozinho. Quando chegou à beira do rio de momento não conseguiu ver a corda por onde ia assegurar para atravessar o rio, ficou desesperado, mas teve um pouco de paciência, olhou, olhou e conseguiu ver a corda que a senhora aranha fingiu deixar-lhe. O lobo agarrou nela, com toda confiança, no meio do rio a corda se cortou ao meio e ele caiu no fundo do rio.

Ele gritava e chorava desesperadamente, o que comoveu o hipopótamo que estava bem perto onde ele estava gritar. Quando apareceu o hipopótamo, o lobo pediu-lhe que socorresse. O hipopótamo refletiu muito e disse-lhe: - Você é muito ingrato, senão lhe ajudaria. O lobo

Dy djimy, dy gamy buy. Wadjy fouro wy-aa no naatu ro naalero, ndu wy awa. Kissam ndu naaty, ndu fuddy yimdé ndum amara, ndum fobbantee, ndum djumberee. Kissam ndu wily.

Ran ndu fuddy halde honoo djamaambal sully boroyongol haa dy lumby dedy gary. Dum metty djamaambal o hersy, kissam o wy wadjy bodjel djen korem wadjy bodjel wy awa. Ga layol o wy my yottoro wadjy fouro.

Dy do mayel do o suly borowol o lumby maddjo he wadjy bodjel. O suly gongol o nghendigol haa, o addingol haa do lerinde mayodo o dalingoldon dy bedy dy coory.

Bay pera-oo saakama, wadjy fouro dabbidy yoolay ndu wy-aanidy kissam ndu regguiny lawongol ndu haa do mayel doo. Ndu dabby rawo yolay borowongol ndu yi- aany. Kono ndu yi-o-yingol. Kissam ndu wy taa o dalaano ngol borowol doo o y- anno. Tun ndu fiddy lummude.

Ndu yahi haa do leride mayel doo tun borowongol tadjy run unti ro der mayentoo. Run ndum luukara, ndum wullara. Gabbogu den din hede don ngu nany ko wadjy fouro ko wullarako. Nghu yurmaa wadjy fouro run ngu ary. Wady fouro wingu gabbu amen wallam, faabom my yoolima my maayannin.

Gabbu miydjy haa boy wyngu: - ko adjanforodo, maa dun han my wallanoma. Wadjy fouro hudiny si tawy si ndum djanfoo gabbu he bolondá mum-oo. Si adjanfoyimaamam han awattaraadum. Onsuma gabbu tugguinindo.

Dy day ha to gada run wadjy fouro nghary gabbu do endo, kisan ndu doguy.

Ndu yady he endo gabbungu.

Gabbungu hully buy.

Wony djony nghu wauraa miuininde biddomagu-oo.

Bay endondu fourundu nabitum.

Wa one den ngun mussee haa bursy.



jurou que jamais atacaria um hipopótamo. Caso contrário o lobo pagaria caro se atacar um hipopótamo. Então o hipopótamo decidiu salvá-lo.

Afinal o lobo tinha intenção de atacar mesmo o hipopótamo que queria-lhe atacar, chagados à margem do rio, ele mordeu a entranha do hipopótamo e foi-se embora.

O hipopótamo como estava no período de amamentação não conseguiu amamentar o seu filhote recém-nascido. Pois ele não poderia amamentar o seu filhote por causa da dor.

Passados alguns dias, a lebre saiu a seu bosque viu o hipopótamo a gemer. Ela se aproximou dele e perguntou-lhe o que havia acontecido com ele. Ele explicou-lhe o sucedido. A lebre sentiu pena dele e resolveu ajuda-lo como vingaria do lobo, mas com condição, de lhe dar um pedaço de carne para atrair o lobo. O hipopótamo não se hesitou de aceitar a ideia da lebre. Deu-lhe o que pediu.

Os dois foram até na quinta da lebre, o hipopótamo fingiu estava morto. A lebre foi informar o lobo que conseguiu matar um hipopótamo muito grande com uma entranha cortada. De imediato o lobo se levantou e disse: - Hein! Aquele hipopótamo era meu, que ninguém o atreva em tocá-lo porque fui eu que mordi aquele hipopótamo na beira do rio quando vinha da festa, portanto toda é minha.

Sem demora mandou vir a sua família, foram buscar o hipopótamo e levaram-no diretamente para o interior da sua casa. Fecharam todas janelas inclusive a porta, a casa ficou sem buraco nenhum. Passado algum momento o hipopótamo suspirou, se

Wady balde seda, wady bodjel dendy radowy yi –i gabbu din ugguiny nghel battingu, nghel lamdingu hokoo wady.

Nghu fillanighel piu honoo ndu waddy he wady fouro ha ndu songuindo endondu.

Wady bodjel wy awa my nany. Djony my wallamma kono kohe hoore goddum.

A okkakkam huntere teew hendeere. Onsuma me menoyó wadje fouro.

Gabbungu djaby ko wady bodjel wykoo.

Nghu tatchy hunternde hendere teew ngu okky wady bodjel.

Dy djahy haa ro bammbé wady bodjel.

Wady bodjel wyngu waalo doo, paamintinaa a maayi, onsuma me yahat ko galle wady fouro my halnoyandu mino wary gabbu nghun do bammbé amdoo.

Wady bodjel halnoyi wady fouro.

Nghel wy wady fouro komy kendedjo mino wary gabbu tadjangu endo to bammbé-amto.

Kissan wady fouro wy: -hei! Nghun gabbu min woodingo, hora hai goro mengo. ko nghul mi tatchunoo endondu to baral mayel too.

Hay ndu fadany kissan ndu noddy beynghure maggunde dy dja-hany gabbunghu to bammbé wady botchel.

Dy gaddyngu, dy natiningu to der suduro dy guddy piw sudundu.

Tun gabbu fofy nghu umsindy. Nnghu wy iyoo: awa kodum my falanoo.

Wady fouro he beyngure mundee dy bobbt dy nangu kewe kolode dy bely. Dy bely, dy bely. Gabbu wony ga ley ngu heppany.

Dy bely haa dy puddy horade, dy pudy wydy baa men corima ndu wy-a nango ndugu-oo, dy nangu ndugu-oo, dy by-a baa men korima ndu wy-a nangu koinghelngel.

Dy by-a baa menkorima ndu wy-a daltu gabbu bobba-hore. Wandubee gabbu bobba-hore. Ha heddy mairuram run ndu tufy kewe kolode ndu sorsy do doguy.

Ndu halnoy wady bodjel no ndu waddaa, ngel widu ko mayru wony sabu dum piw.



levantou e disse-lhes:- agora que chegou a hora que queria.

O lobo e a sua família pularam para o teto e penduraram nas madeiras do teto. O hipopótamo sem se agitar, ficou embaixo a espera quem caía que o mate. Minutos depois, começaram a cair um por um na boca do hipopótamo. O lobo ficou muito preocupado conseguiu abrir um buraco no teto e fugiu imediatamente do hipopótamo.

Após de alguns dias, o lobo informou a lebre da desgraça que passou e que perdeu toda a sua família!

A lebre disse-lhe que ele é responsável de tudo isso porque ele é muito ingrato para com toda gente.

Bay ndu djanforo.

***** Narrador da história: “O lobo, a lebre e o hipopótamo”, Povo Fula, Guiné Bissau.

A viagem de três animais

Dafén saba lá tamó

Ussumane Baldé
Bubacar Dramé*****

Havia três animais: um cão, uma cabra e uma vaca. Esses três decidiram realizar uma longa viagem até uma aldeia chamada Kankary-Kundá, próxima à comunidade de Djalicunda.

Após combinarem os detalhes, no dia marcado, acordaram bem cedo e seguiram para o terminal de carros que faziam o trajeto até aquela aldeia. Ao chegarem ao terminal, dirigiram-se ao senhor que vendia os bilhetes de passagem e negociaram com ele, pedindo para pagar apenas no meio do caminho.

O vendedor aceitou o pedido. Assim que todos os lugares do carro foram preenchidos, o veículo partiu com destino a “Kankary-Kundá”. Durante a viagem,

Anene sotota dafén saba, n’wulu num bá nim ninsou. Nka tama silu muta ká tá tamolá, kabrim i futatá karó batudulató, i ka karó muta kata támalá, dinkirá djam, kabrim i ka tiketó sám, soferó koiko n’kata i foneta.

Anene sotota dafén saba, n’wulu num bá nim ninsou. Nka tama silu muta ká tá tamolá, kabrim i futatá karó batudulató, i ka karó muta kata támalá, dinkirá djam, kabrim i ka tiketó sám, soferó koiko n’kata i foneta.

Kabrim djori n’wató sita a. Kankary-Kundá; n’wuló ká kodó djou, ninsou fanam ká djou. Bá kó kodi tábuló. Kabrim ifutatá dinkiráta kari soferó.



os passageiros se divertiram bastante, rindo e conversando, sem perceber o tempo passar.

Quando chegaram ao destino, o condutor começou a cobrar os que ainda não haviam pagado. O cão entregou uma nota, esperando receber o troco correspondente ao valor do bilhete, mas o condutor não devolveu nada. A vaca pagou o valor exato, sem problemas.

Já a cabra, por não ter dinheiro para pagar, decidiu fugir. Por isso, até hoje, quando um cão vê um carro, começa a latir e a correr atrás dele, como se estivesse cobrando o troco que nunca recebeu.

A vaca, tranquila por ter pagado corretamente, não tem medo de carros, afinal, quem não deve, não teme. Já a cabra, sempre que vê um carro, foge imediatamente, temendo ser reconhecida pelo condutor.

N'wuló kó soferó kó ná faliu dina, soferó kai kó faliu tanbuló a kai kó ar, ninsou n'ka abedjo falim man tú itema, baí kó kodi tabulu kabrim ifutatá ifutalulató, bá n'borta a kunti, n'woli katátina, sai nin n'wuló ká karó (n'wotó) djé a kará bai akará akanin alá troco lá, ninsou buca bori karo má bá até naka karo djé akara bori, hantu má soferó lá falim dialá.

***** Narrador da história "A viagem de três animais", Povo Mandinga (Guiné Bissau)

PERSPECTIVAS

Com esse artigo documentamos algumas histórias tradicionais de culturas originárias milenares do Amazonas, Pupygary (Apurinã), Mura, Munduruku e Kokama (Brasil) e Guiné Bissau, Fula e Mandinga (África).

A leitura pode ser útil a pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação, bem como lideranças sociais em geral que se interessem pela temática incentivando novas pesquisas e publicações afins.

A continuação de pesquisas e publicações na área poderão ampliar a oferta de informações cientificamente sistematizadas sobre o tema.



AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao integrantes da culturas Pupygary (Apurinã), Mura, Munduruku e Kokama (Brasil) e Guiné Bissau, Fula e Mandinga (África) pela generosidade em colaborarem de forma voluntária, com o registro de suas histórias escritas em seus idiomas originários milenares.

O autor Ussumane Baldé, Agradece à CAPES pelo incentivo de uma bolsa para cursar o mestrado acadêmico em Ensino de Ciências e Humanidades junto ao PPPGECH-UFAM, Humaitá, Amazonas, (Brasil);

O autor Hely Brasil do Nascimento Agradece À FAPEAM pelo incentivo da uma Bolsa de Mestrado para cursar o Mestrado acadêmico em Educação junto ao PPGE- UFAM, Manaus, Brasil.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. 2. ed. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

BARROS de M.M. **Guiné-Portuguesa**. Breve notícia sobre alguns dos seus usos, costumes, línguas e origens de seus povos. Bolama, 1883.

MANGO, C. A HISTÓRIA DO POVO MANDINGA: DO SEU EMBRIÃO AO ATUAL GUINÉ- BISSAU. **Dados de África(s)**. v.01, nº. 02, p. 31-44. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356834313_Calido_Mango. Acesso em: 16 jan. 2025.

MONTEIRO, A. da S. **Educação e resistência: diálogos sobre consciência histórica e cultural na cosmovisão de integrantes do povo Pupykary, Sul do Amazonas (Brasil)**. 2024. 269 f. Tese (Doutorado em Educação - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

NASCIMENTO, H. B. **Documentação de conteúdos para o currículo da educação escolar indígena no Amazonas (Povos Mura e Munduruku)**, 140 f. Dissertação (Mestrando em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.



PEQUENO, da S. Souza. Mura, guardiães do caminho fluvial. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v. 3, n.1/2, p.133-155, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/revista-estudos-pesquisas-v3-n1-2/05-mura-guardiaes-do-caminho-fluvial-eliane-pequeno.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SEABRA, L. Da S. **O currículo da educação escolar indígena no Amazonas: realidades, desafios e perspectivas de povos multiétnicos na cidade de Manaus (Brasil)**, Dissertação (Mestrando em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

Recebido em: 30/11/2024..

Publicado em: 17/01/2025.



AUTORIA:

Suely Mascarenhas – Pedagoga, Doutora em Psicopedagogia- Diagnóstico e Avaliação Educativa, Universidad A Coruña, Espanha, (2004), docente atuando na graduação e pós graduação junto à Universidade Federal do Amazonas.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: suelyanm@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>

País:Brasil

Alcioni da Silva Monteiro – Pedagoga, Doutora em Educação pelo PPGE-UFAM (2024), Brasil, Técnica em Educação, SEMEC, Prefeitura Municipal de Lábrea Amazonas.

Instituição: Prefeitura Municipal de Lábrea Amazonas- SEMEC

E-mail: alcionimonteiro@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8710-4520>

País:Brasil

Hely Brasil do Nascimento. Mestre em Educação (2024, UFAM). Professor Universitário (UFAM) Professor em Sociologia e Filosofia (SEDUC-AM).

Instituição: SEDUC, Amazonas

E-mail: h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7044-1739>

País: Brasil

Angélio Nunes de Lima- Mestrando em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH - UFAM).



E-mail: angelionunesdelima@gmail.com

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-6401-2092>

País: Brasil

Ussumane Baldé- Bacharel em Ensino. Mestrando em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH - UFAM).

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

E-mail: baldeussumane079@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0226>

País: Guiné Bissau

Leiciane da Silva Seabra – Pedagoga, Mestre em Educação (2024, PPGE-UFAM).

Instituição: SEDUC, Manaus

E-mail: leicianeseabra.br@gmail.com

País: Brasil